



O FEMINISMO COMO MODERADOR NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO NÃO-SEXISTA NAS ESCOLAS

Ariane Malheiro da Silva ¹
Daniele de Barros Torquato ²

RESUMO

O presente artigo propõe-se a investigar como o feminismo auxilia no combate às práticas sexistas em instituições escolares. Tendo por objetivos específicos analisar os impactos causados pelo machismo no ambiente escolar, estudar como o/a docente facilita no processo de construção de uma educação não-sexista nas escolas e compreender como o feminismo interfere no desenvolvimento educacional de estudantes do gênero feminino. Atendendo as metas supracitadas foi utilizado metodologicamente procedimentos bibliográficos como a revisão bibliográfica e abordagem qualitativa. Portanto, o referido trabalho foi desenvolvido a partir de conceitos epistemológicos de estudiosos das categorias analíticas, como Beauvoir (1967), Wollstonecraft (2016) e Freire (1996), tendo em vista uma melhor compreensão e explicação dos fenômenos a serem estudados. O arremate conclusivo desta pesquisa destaca que o movimento feminista tem como uma de suas finalidades confrontar sistemas educativos que tendem a reproduzir práticas e atitudes que promovem o trato diferenciado das pessoas em razão de seu sexo afim de transformá-los.

Palavras-chave: Feminismo, Sexismo escolar, Papel do docente.

INTRODUÇÃO

O sexismo é um problema intrínseco em nossa sociedade que perpassa gerações e atinge todas as camadas sociais. As práticas sexistas são ações presentes precocemente na vida de um indivíduo a começar pelos enxovais e brinquedos dos bebês que são pensados e produzidos a partir do seu sexo biológico, os quais refletem a ideia que culturalmente foi construída pelo patriarcado de que indivíduos do sexo feminino são frágeis e biologicamente inferiores aos homens.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, malheiro.ariane19@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, dannielle.barross@gmail.com.



Desse modo, as meninas são ensinadas desde muito cedo a cuidar dos outros, todas as suas brincadeiras e vivências tendem a simular o ambiente doméstico, enquanto os meninos são estimulados a praticar atividades físicas e reproduzem o espaço público. Com isso, as práticas e atitudes que promovem o trato diferenciado das pessoas em razão de seu sexo acabam por prejudicar o desenvolvimento social, cognitivo, psíquico e educacional da vida das mulheres.

Esse ciclo vicioso do sexismo é responsável por reforçar as desigualdades de gênero, fazendo com que perpetue os males de uma sociedade machista e opressora. Tal conjuntura influencia diretamente nas funções ocupadas pelas mulheres na sociedade, visto que a busca pela independência financeira é um aspecto fundamental para a liberdade e emancipação da mulher. Torna-se, portanto, necessário o uso efetivo de uma educação não-sexista nas escolas que transcenda da sala de aula e percorra pela sociedade.

Para construção de uma educação baseada na igualdade entre meninos e meninas a luta feminista se torna fundamental, pois “Dito de maneira simples, feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (HOOKS, 2015, p. 17). Em vista disso, o movimento vem lutar pela libertação dos estereótipos, contra o poder patriarcal que continua estabelecendo as regras desde a educação de crianças até no campo profissional de homens e mulheres. Teles (1999) fala sobre essa libertação:

No século passado, o conceito de “emancipacionismo” buscava a igualdade de direitos, mantida na esfera dos valores masculinos, implicitamente reconhecidos e aceitos. Hoje, o feminismo formula o conceito de libertação que prescindem da “igualdade” para afirmar a diferença - compreendida não como desigualdade ou complementaridade, mas como ascensão histórica da própria identidade feminina. (TELES, 1999, p. 10).

Logo, preza-se pela ascensão histórica da identidade feminina e uma mudança na sociedade que desconstrua os padrões e que uma nova forma de educação seja realizada para a conscientização desde a infância.

O presente artigo visa investigar como o feminismo auxilia no combate às práticas sexistas em instituições escolares. Tendo por objetivos específicos:

1. Analisar os impactos causados pelo machismo no ambiente escolar;
2. Estudar de que forma o/a docente facilita o processo de construção de uma educação não-sexista nas escolas;
3. Compreender como o feminismo interfere no desenvolvimento educacional de estudantes do gênero feminino.



Os objetivos supracitados auxiliam na busca pela resposta para o seguinte questionamento: De que maneira o feminismo auxilia o processo de construção de uma educação não-sexista nas escolas? Pressupomos que o movimento feminista auxilia no processo de construção de sistemas de ensino voltados à educação igualitária entre meninos e meninas.

METODOLOGIA

A metodologia de nosso estudo fará uso da abordagem qualitativa. Pois, segundo Silveira e Córdova (2009, p. 32) “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. Sendo esse texto de procedimento bibliográfico foi realizada revisão bibliográfica a partir de conceitos epistemológicos de estudiosos das categorias analíticas, como Beauvoir (1967), Wollstonecraft (2016) e Freire (1996). O referido trabalho trata sobre a educação feminina diante uma perspectiva histórica visando discutir a implicação do feminismo como moderador no processo de construção de uma educação não-sexista nas escolas.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Machismo no ambiente escolar: uma perspectiva histórica.

O patriarcado surge a partir do conceito família, porém transpassa por toda a sociedade como um sistema social machista, no qual as ideias e ações masculinas prevalecem e ditam como as comunidades devem agir. Dessa forma, esse fenômeno cultural que é o machismo está presente entre as principais estruturas sociais, tais como a econômica, política e religiosa, as quais são responsáveis por compor os sistemas educacionais. De modo que, o trato diferenciado na educação de meninos e meninas nas escolas caracteriza-se como uma eminente problemática a ser superada.

Simone de Beauvoir (1967) trata sobre a diferença encontrada na educação de cada sexo, a qual perpetua até os dias de hoje. Sendo a educação da mulher voltada para algumas condutas padrões, como o que vestir, como se portar. Fazem-na aprender os afazeres



domésticos desde seus brinquedos que são em sua maioria conjuntos de cozinha ou bonecas representando o cuidado e cativando a maternidade desde a infância. Alguns desses padrões são tratados em:

Dão-lhe por amigas outras meninas, entregam-na a professoras, ela vive entre matronas como no tempo do gineceu, escolhem para ela livros e jogos que a iniciem em seu destino, insuflam-lhe tesouros de sabedoria feminina, propõem-lhe virtudes femininas, ensinam-lhe a cozinhar, a costurar, a cuidar da casa ao mesmo tempo que da toilette, da arte de seduzir, do pudor; vestem-na com roupas incômodas e preciosas de que precisa tratar, penteiam-na de maneira complicada, impõem-lhe regras de comportamento: "Endireita o corpo, não andes como uma pata". (BEAUVOIR, 1967, p.23).

Durante séculos essa estrutura educacional foi refletida no ambiente escolar. Em 1827 o Brasil decretou a primeira grande lei educacional que previa que meninos e meninas estudassem separados e com currículos diferentes. Enquanto os meninos aprendiam adição, subtração, multiplicação, divisão, números decimais, frações, proporções e geometria, as meninas não podiam estudar nada além das quatro operações básicas da matemática. O projeto pedagógico também determinava que o currículo feminino deveria conter aulas de prendas domésticas, como corte, costura e bordado.

O argumento utilizado durante anos para manter esse sistema opressor e machista em instituições de ensino era de que as meninas possuíam menos capacidade intelectual quando comparadas aos meninos, e por esta razão estavam destinadas ao ambiente doméstico. Dessa forma, é válido evidenciar que os fatores sociais exercem grande influência na discrepância de gênero, no que diz respeito às áreas ligadas às ciências exatas e a tudo o que se refere ao setor público.

Estudos realizados pelo Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior no Brasil (GEA) com dados do Exame Nacional de Desempenho de estudantes (Enade) revelam que no ano de 2010 menos de 20% dos homens cursavam enfermagem, enquanto as mulheres somavam mais 80%. Já na área da educação física o percentual masculino era em média 15% superior ao feminino. Nota-se, portanto, os velhos estereótipos ligados a profissão sendo efetivados, os quais propõem que tarefas relacionadas à cuidados é papel da mulher, enquanto trabalhos que necessitam de força física e raciocínio lógico devem ser realizados por homens.

Esse cenário vem sendo aos poucos desconstruído por meio de muito ativismo de movimentos feministas que buscam quebra de padrões e transformações de realidades educacionais e consequentemente profissionais do público feminino. Mudanças propostas para vida de todas mulheres, mas essencialmente para as periféricas, as pretas e as



transsexuais por serem justamente as mais invisibilizadas das estruturas que abarcam todo esse processo.

Contudo, ainda há muitas conquistas a serem alcançadas, no que diz respeito ao fim do machismo e o sexismo no ambiente escolar e acadêmico. De acordo com o Inep/ MEC e a Plataforma de Sucupira, nos anos de 2009 a 2014, as mulheres compunham cerca de 40% do corpo docente da graduação em Matemática no Brasil, oscilando entre as regiões brasileiras. Conquanto, no que se refere ao corpo docente de pós-graduação em 2014 o percentual feminino era apenas 22%.

2. O papel do/a docente no processo de construção de uma educação não-sexista nas escolas.

A escola tem um papel social muito importante, pois divide junto da família a responsabilidade pela formação humana. Nela aprende-se conviver com as diferenças e quando necessário ajustes são feitos para que não ocorra desvios, para que todos respeitem-se. Freire (1996) reflete sobre a prática docente e sobre a relação de dependência que o/a educador/a tem com o/a aluno/a, mediante o conceito do pensar certo e da concepção do professor/a como fonte de inspiração e exemplo.

Para Freire “O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do faça o que mando e não o que eu faço” (1996, p. 19). Pensar certo é, neste caso, praticar aquilo que se defende. Então, o/a professor/a que preza pela democracia e opõe-se contra a qualquer forma de discriminação, tem que inserir consequentemente tais aspectos em suas práticas pedagógicas dentro e fora da sala de aula. Freire (1996) afirma:

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. (FREIRE, 1996, p. 19-20),

Visto que, o sexismo é uma prática presente na sociedade, e por vezes reflexo de atitudes decorrentes em instituições de ensino, à docência praticada sob uma perspectiva freiriana torna-se imprescindível para resolver esse impasse. Considerando o conceito do pensar certo e o/a docente como sujeito ativo nas comunidades. É necessário, que o/a



educador/a atue interagindo com os/as alunos/as na base do diálogo e sobretudo seja exemplo, para que seja possível a construção de uma educação mais igualitária nas escolas.

Portanto, é substancial a criação de sistemas educacionais formados por currículos sem preconceitos desde os anos iniciais, em que professores/as atuem em consonância com a transformação epistemológica proposta pelo movimento feminista dentro do cenário educativo, o qual nega com veemência o uso de metodologias que reproduzam ideologias machistas. Como os velhos contos de fada que possuem uma abordagem ultrapassada da figura feminina, pois “A literatura infantil é um dos locais cruciais para educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas” (HOOKS, 2015, p. 37).

Desse modo, o/a professor/a deve atentar-se a atitudes que resultam na exclusão de meninas na ciência e na educação física ou a qualquer prática que promova a distribuição de tarefas que reforce estereótipos. Sua docência deverá consistir, por conseguinte, em um conjunto de métodos e procedimentos que buscam a quebra de padrões a partir de atitudes simples como correção de comentários discriminatórios ao incentivo educacional dado para essas estudantes durante suas formações escolares.

3. A interferência do feminismo no desenvolvimento educacional de estudantes do gênero feminino

Segundo Simone de Beauvoir (1967, p. 9) “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” Pois, tudo o que se espera de uma mulher na sociedade não é algo natural vindo do sexo feminino, mas socialmente construído ao longo dos séculos com base nos interesses das classes dominantes. Por vezes, esse processo é resultado de obras produzidas por reconhecidos estudiosos de diferentes épocas, as quais contêm reflexões e fundamentos responsáveis por reforçar as desigualdades de gênero já estabelecidas.

Todas as conquistas femininas como o direito ao voto e a educação ocorreram por meio de muita luta e ativismo de mulheres feministas. Wollstonecraft (2016) chama a atenção por reivindicar o acesso à educação da mulher e criticar o sistema educativo vigente e àqueles que os formulam. A exemplo Rousseau que em suas obras pedagógicas como *o Emílio* trata da educação feminina sob uma ótica machista, descartando a possibilidade destas de se formarem como sujeitos-críticos, direcionando-as apenas para servir aos homens. Wollstonecraft (2016) afirma:



Sofia, diz Rousseau, deveria ser tão perfeita como mulher quanto Emílio é como homem, e para torna-la assim é necessário examinar o caráter que a natureza deu ao sexo. Ele, então, passa a provar que a mulher deve ser fraca e passiva, porque tem menos força física do que o homem; e, assim, infere que ela foi feita para agradar e ser subjugada por ele e que é seu dever fazer *agradável* a seu mestre – sendo este o grande fim de sua existência.” (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 107).

Desse modo, Wollstonecraft (2016) critica o sistema educativo machista e opressor de sua época que subestimava o intelecto feminino de forma que fortalecia as disparidades de gênero. Com isso, a autora defendia o direito da liberdade e informação das mulheres. Tal conjuntura se evidencia em:

Contudo, o sistema de educação, que eu honestamente desejo ver ir pelos ares, parece pressupor como certo que virtude nos protege das casualidades da vida e que a fortuna, tirando sua venda, sorrirá para uma mulher bem educada e colocará em sua mão um Emílio ou Telêmaco. (WOLLSTONECRAFT, 2016, p.121).

Sob essa perspectiva, nota-se que a educação direcionada ao público feminino foi ao longo da história submetida aos caprichos de uma sociedade machista. Enquanto o movimento feminista se torna fundamental para a construção de uma educação não-sexista, ao confrontar sistemas educativos que tendem a reproduzir práticas e atitudes responsáveis por afetar a aprendizagem de mulheres em decorrência de seu sexo, afim de transformá-los. Teles (1999) informa:

Em seu significado mais amplo, o feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras, contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade. (TELES, 1999, p.10).

Sendo assim, o movimento feminista é responsável por provocar o empoderamento feminino, processo pelo qual as mulheres tomam consciência sobre os seus direitos e poderes, fazendo com que estas passem por uma transformação emocional que resulta no aumento de sua autoestima e aceitação. Esse processo se estende para o campo educacional e profissional, pois as mulheres buscam cada vez mais sua emancipação e independência financeira.

Portanto, o feminismo caracteriza-se como imprescindível para o pleno desenvolvimento escolar de estudantes do gênero feminino, pois rompe paradigmas educativos impostos há décadas, como os contidos na lei escolar do Império que determinava que meninas tinham menos capacidade intelectual que os meninos e por esta razão não deveriam ter acesso ao conhecimento da matemática. Propõe, no entanto, uma reformulação



nos sistemas educativos para que meninos e meninas tenham os mesmos direitos e oportunidades.

Então, para se obter um constante progresso no se diz respeito a educação feminina é necessário que, “Não deixemos que os homens no orgulho do poder, usem os mesmos argumentos dos reis tirânicos e ministros venais e afirmem com falácia que a mulher deve submeter-se porque sempre foi assim.” (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 67). É necessário que a luta feminista seja árdua e contínua para que enfim, possamos conquistar a equidade política social entre gêneros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante a análise feita sobre os impactos causados pelo machismo no ambiente escolar, foi possível constatar que esse conjunto de ações de efeito torna-se responsável por prejudicar de forma quase que irremediável a formação social, cognitiva, psíquica e educacional da vida das mulheres. Vimos que desde as primeiras formulações de políticas educacionais, atitudes machistas e sexistas foram incorporadas em salas de aulas, fazendo com que perpetuasse a falsa ideia que meninas possuíam menos capacidade intelectual e força física do que comparado aos meninos, promovendo consequentemente as desigualdades de gênero em instituições de ensino.

Por meio dos estudos realizados no presente artigo, observou-se que o/a docente facilita o processo de construção de uma educação não-sexista nas escolas, a partir do momento que incorpora em suas práticas pedagógicas preceitos de igualdade e respeito ao próximo. Como também, atuando para formar meninas e meninos feministas. Hooks (2015) afirma:

Feministas são formadas, não nascem feministas. Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o privilégio de ter nascido do sexo feminino. Assim como a todas as posições políticas, uma pessoa adere às políticas feministas por escolha e ação. (HOOKS, 2015, p. 23).

Compreende-se, dessa forma a importância do feminismo para o desenvolvimento escolar de estudantes do gênero feminino, pois esse contrapõe-se ao sistema patriarcal e suas diversas formas de opressão. Sendo assim, os movimentos feministas atuam desmistificando estigmas ideológicos impostos durante séculos na sociedade como também motivando



mulheres de todas as idades a almejem um futuro melhor para si e para suas futuras gerações e por conseguinte ter uma melhor atuação no campo educacional e profissional.

De acordo com que foi apresentado percebe-se que para a libertação de padrões e a equidade de gênero seja de fato alcançada é necessário um trabalho feito em conjunto, entre família, escola e sociedade. Essa mudança ocorrerá de forma gradativa, pois vivemos uma cultura patriarcal, um modelo instaurado, em que a figura masculina lidera e tem o poder. Essa estrutura impõe de maneira indireta a função de cada gênero e aqueles que não seguem tais preceitos sofrem vários tipos de violência.

Dessa forma, foi observado que o feminismo auxilia no combate às práticas sexistas no ambiente escolar, na medida que propõe uma transformação nas principais estruturas da sociedade. Principalmente ao confrontar sistemas educativos que tendem a reproduzir metodologias machistas que afetam diretamente a aprendizagem de meninas em escolas públicas ou privadas com o objetivo de mudar essa realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos ao pressuposto feito inicialmente é possível constatar que este foi confirmado, a conjectura proposta por nós sugeria que o movimento feminista auxilia no processo de construção de sistemas de ensino voltados à educação igualitária entre meninos e meninas. Então, como base no que foi analisado, é nítido que a hipótese condiz com a realidade, pois como apresentado o feminismo tem como uma de suas finalidades promover uma educação não-sexista nas escolas.

Dessa forma, é importante destacar que as diferentes vertentes feministas podem se distinguir em alguns aspectos ao longo de suas trajetórias e implicações. Conquanto, possuem um objetivo comum e universal, que é suscitar o fim da opressão contra a mulher e incentivá-la a buscar sua liberdade, por meio de um processo constante de desconstrução do mito das diferenças naturais que formam os sistemas machistas e fazem com que as desigualdades políticas e sociais entre os gêneros sejam efetivadas.

O machismo estrutural favorece diversos tipos de violência contra os indivíduos do gênero feminino, e afeta todas as suas áreas de atuação. Tal aspecto, é um reflexo do processo de formação escolar de meninos e meninas que estão submetidos ao sexismo. Nesse sentido, é válido assegurar que um dos fatores que poderá fomentar o declínio desse sistema patriarcal, machista e opressor é a formulação de políticas educacionais que tenham como objetivo



promover o fim das práticas sexistas em instituições escolares. Como também é fundamental a presença de um processo constante de sororidade entre as mulheres.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Andréia. **A mulher no ensino superior distribuição e representatividade.** Caderno do Gea, n.6, jul./ dez.2014. Flascso, UERG, LPP, Rio de Janeiro, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo II- a experiência vivida.** Trad. Sérgio Milliet, 2. Ed Difusão Europeia do livro. São Paulo, 1967.

BRECH, Chistian. "**O dilema Tostines das mulheres na matemática**", Revista Matemática Universitária, São Paulo, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa (recurso digital). Paz e Terra, São Paulo, 1996.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras.** (recurso eletrônico), trad. Ana Luiza Libâneo, 1-ed. Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 2018.

Lei de 15 de outubro de 1827. **Coleções do império do Brasil 1827- parte I.** Rio de janeiro, 1878. Disponível em:<<https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/18351>> Acesso em: 10 de agosto de 2020

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. *In:* GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa.** 1ª. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009. cap. 2, p. 31-42. ISBN 978-85-386-0071-8. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2020.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do feminismo no Brasil.** Editora Brasiliense, coleção tudo é história 145. São Paulo, 1999.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher.** Motta, Ivania Pocinho. São Paulo: Boitempo, 2016.